

A interação na construção do sujeito e da prática da terapia ocupacional

The interaction in the construction of the subject and the occupational therapy practice

Marissa Romano da Silva¹, Samira Lima da Costa², Roberto Tykanori Kinoshita³

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v25i2p111-8>

Silva MR, Costa SL, Kinoshita RT. A interação na construção do sujeito e da prática da terapia ocupacional. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2014 maio/ago.;25(2):111-8.

RESUMO: O presente estudo se dispõe a discutir a potência da interação e suas sutilezas gestuais como disparadoras de ações estruturadas, na prática profissional em Terapia Ocupacional, à luz da breve exposição dos referenciais formulados por Maturana e Varela sobre a autopoiese e o encontro coletivo; e de Leroi-Gourhan sobre cadeias operatórias. A fim de ilustrar a discussão que se busca empreender, foram utilizados trechos do diário de campo, construído durante o estágio de terapia ocupacional em um serviço de proteção social especial, direcionado à população em situação de rua, na cidade de Santos/SP. A partir desta articulação teoria e prática, vê-se o encontro como uma estratégia interventiva possível e válida. Com base nas discussões desenvolvidas neste trabalho, conclui-se que a interação é fonte potente de novas formas de agir no mundo, contribui para o empoderamento do sujeito, a organização coletiva de vontades e disparadora de intervenções planejadas.

DESCRITORES: Relações interpessoais; Terapia ocupacional; Rede social; Vulnerabilidade social.

Silva MR, Costa SL, Kinoshita RT. The interaction in the construction of the subject and the occupational therapy practice. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2014 maio/ago.;25(2):111-8.

ABSTRACT: This study aims to discuss the power of the interaction and its gestural niceties as triggering of structured actions, in Occupational Therapy practice, in light of the brief framework exposure by Maturana and Varela about the collective meeting and autopoiesis; and by Leroi-Gourhan about operational chains. In order to illustrate the discussion that seeks to undertake, diary excerpts field, built during the stage of occupational therapy service in a special social protection directed to homeless population in the city of Santos/SP, were used. From this theoretical and practical articulation, sees the meeting as a possible and valid interventional strategy. Based on the discussions developed in this study, it was concluded that the interaction is powerful source of new ways of acting in the world, contributes to the empowerment of the individual, the collective organization of wills and triggering of planned interventions.

KEYWORDS: Interpersonal relations; Social networking; Occupational therapy; Social vulnerability.

1. Terapeuta Ocupacional, Mestranda em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação/FCM/UNICAMP. E-mail: marissaromano.to@gmail.com

2. Terapeuta Ocupacional, Professora Doutora do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: biasam2000@gmail.com.

3. Médico Psiquiatra, Professor Doutor da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. E-mail: tykanori@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente estudo discute as potências da interação como disparadora de reflexões e ações, na prática profissional da terapia ocupacional, à luz da breve exposição dos referenciais teóricos sobre a autopoiese e o encontro coletivo¹; as cadeias operatórias² e a vulnerabilidade social³. Para tanto, toma como pano de fundo trechos de diário de campo do estágio de terapia ocupacional em um serviço de proteção social especial direcionado à população em situação de rua, na cidade de Santos, litoral de São Paulo. A experiência do estágio discente será utilizada para ilustrar reflexões amparadas pelo referencial teórico apresentado.

Na Teoria da Autopoiese, os autores Maturana e Varela¹ propõem que os organismos vivos têm como característica fundamental a dinâmica na qual seus componentes mantêm, continuamente, um conjunto de correlações entre si, que lhes confere identidade, organizada e estruturada. Assim, um organismo somente se mantém vivo se consegue sustentar sua organização através de uma sequência de transformações em sua estrutura, desencadeadas nas interações com o meio, chamadas de coordenação de ações e emoções. Caso não ocorra essa interação entre a vida e seu contexto, a dinâmica autopoietica se interrompe, ocasionando a perda da identidade, que pode ser a morte ou o surgimento de outra estrutura com nova identidade^{1,4}.

Com base nesta concepção, e transpondo-a para a compreensão da formação dos seres humanos, é possível pensar a construção dos sujeitos sob três grandes dimensões que funcionam em conjunto, de forma interdependente com o meio, e criam dinâmicas singulares de sobrevivência: a dimensão fisiológica, em que mecanismos homeostáticos, produção e degeneração de células ocorrem a todo o momento, renovando o sujeito fisiologicamente; a segunda, constituída no espaço de interação, que dá origem aos fenômenos mentais conscientes, ao possibilitar o surgimento de coordenação de ações e emoções do sujeito com ele mesmo; e a terceira que surge no espaço de coordenação de ação e emoção consensual, em que emerge o sujeito sociocultural, com suas redes e necessidades coletivas^{1,4}.

As possibilidades de interação humana são representadas pelas cadeias operatórias². As cadeias operatórias são “práticas elementares (...) hábitos corporais, práticas de alimentação ou de higiene, comportamentos de relação com seus semelhantes” ou ainda gestos do cotidiano, que são transmitidos de geração a geração. Sua repetição “assegura o equilíbrio dos seres humanos no meio social e no seu próprio conforto psíquico”² (p. 26).

Quando há interação entre pessoas, ocorre a justaposição de cadeias operatórias, fenômeno chamado de acoplamento estrutural, que provoca a formação de novas cadeias operatórias consensuais entre os envolvidos, havendo a coordenação entre ações e emoções, apesar de manterem suas particularidades. A rede social ou a coletividade humana se daria a partir deste mecanismo de fusão de campos ou cadeias operatórias consensuais, em que sujeitos estabelecem uma dinâmica acoplada, mantendo suas singularidades⁴.

A falta de coordenação consensual constitui-se em vulnerabilidade e, conseqüentemente, fragiliza o poder de troca social. Esta vulnerabilidade é gerada pela ausência ou carência de interações transformadoras e agregadoras. A ruptura coloca o sujeito em risco de isolamento, marginalizando-o enquanto sujeito social⁴.

Para explicar os processos de marginalização, Castel³ destaca a inserção sócio-relacional e ocupacional. Rupturas sócio-relacionais e ocupacionais, ou a manutenção das mesmas, levariam a desfiliação, vulnerabilidade ou a integração do indivíduo em relação ao seu meio³. A pobreza não seria a única responsável pelos processos de desfiliação e vulnerabilidade, estando atrelados, portanto, às condições da rede de suporte e às relações sociais.

Dentre os grupos em situação de desfiliação e vulnerabilidade social está a população em situação de rua. Esta população, apesar de heterogênea, tem em comum a condição de extrema pobreza, os laços sociais enfraquecidos, a ausência de moradia convencional, o uso de espaços públicos como moradia e realização de suas atividades de vida diária e de sustento. Utiliza a rua temporária ou permanentemente, podendo fazer uso também de albergues, abrigos ou outros dispositivos provisórios^{5,6}. As situações que levam um sujeito a residir na rua são complexas e diversas, mas vê-se, principalmente, a precariedade, a vulnerabilidade ou a ruptura da rede de suporte permanente^{5,6,7,8}.

A situação de vulnerabilidade configura-se como o impedimento em cumprir as funções sociais ou a suscetibilidade a riscos, devido à fragilização jurídica ou política, na promoção, proteção ou garantia de direitos como cidadão, podendo trazer danos ao sujeito^{9,10}.

No Brasil, as últimas décadas foram tempos de mudanças econômicas, em que o trabalho e o acúmulo de capital provocaram a acentuação das desigualdades sociais⁵. Em 1993, foi promulgada a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), que estabeleceu normas para a organização da assistência social^{11,12} e definiu a criação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), consolidado em 2005. O SUAS organiza ações de assistência em dois tipos de

proteção social: a Básica e a Especial¹¹.

Com base nos conceitos teóricos apresentados, pensar em espaços compartilhados é entendê-los como campos de transformações, desconstruções e (re) construções, desvinculação e vinculação, desencontros e encontros. Entende-se que as transformações ocorridas a partir da interação possibilitam a consciência de si e o empoderamento da ação de se intrarrelacionar, transformar-se e construir-se internamente, em outras palavras, as relações oportunizam que o sujeito encontre novas perspectivas de vida. O campo operatório é o espaço que permite essa interação (comunicação, locomoção, alimentação – portanto, o engajamento em atividades cotidianas) e é por meio dele e nele que as intervenções devem existir para que novas formas de agir sejam elaboradas. Desta forma, o campo operatório passa a ser alvo da atuação terapêutica ocupacional, uma vez que o sujeito age em seu cotidiano através de suas cadeias operatórias habituais, ações incorporadas, estruturando-se e organizando-se a partir delas¹³.

Considera-se neste manuscrito a concepção de que a terapia ocupacional tem como identidade e seu meio a ação humana. Durante o fazer e a partir dele que se abriria o espaço para mudanças. Desta forma, a profissão se apresentaria oferecendo a possibilidade de (re) construir, (re) criar e (re) organizar cadeias operatórias, preservando ou recuperando a identidade do sujeito¹³.

O presente estudo propõe a discussão do conceito de atividade, para que seja ampliado e pormenorizado, deixando que a ideia da atividade palpável (vista, ouvida, tocada) seja substituída pela compreensão do fazer a partir do encontro – sem atividades previamente planejadas – e da sutileza dos gestos banais que habitam o cotidiano das pessoas. A atividade é compreendida como “comunicação através da ação humana”¹⁴ (p. 135), independente de sua evidência e concretude. Portanto, vê-se que na interação são oferecidas possibilidades de experimentação e transformação em um fazer não palpável (não visto, não ouvido, não tocado). O entendimento das possibilidades do encontro como produtor de vida faz-se necessário por serem fontes potentes de possibilidades intra e inter-relacionais e influente na geração de intervenções estruturadas. Portanto, sugere-se aqui a ideia da valorização das interações e gestos no cotidiano clínico em saúde.

Com base na reflexão exposta, o presente estudo pretende discutir a potência da interação pelo encontro e suas sutilezas gestuais como disparadores de ações estruturadas, na prática profissional em Terapia Ocupacional. Como objetivo específico, propõe a discussão acerca da interação e das consequentes transformações do sujeito e de suas cadeias operatórias atuantes.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de ilustrar a discussão que se busca empreender, foram utilizados trechos do diário de campo construído durante a passagem de uma discente do 8º período de terapia ocupacional, no estágio de terapia ocupacional social, realizado em um serviço de proteção social especial, em Santos/SP. As experiências neste estágio ocorreram de fevereiro a julho de 2010, cinco dias por semana, três horas por dia, totalizando 15 horas semanais.

As descrições e intensidades do estágio foram registradas sistematicamente em diário de campo. Os diários eram produzidos no final de cada dia, após os contatos com os sujeitos, e inicialmente pretendiam ser uma forma de registrar o momento experienciado. Continham notas descritivas e intensivas acerca das formas de aproximação terapeuta-usuário, as impressões da estagiária (desconfortos, sensações, inquietações, reflexões), atividades realizadas, as dificuldades e limitações, as relações estabelecidas com funcionários e entre funcionários-usuários, além da forma de organização da instituição. Os trechos aqui destacados para auxiliar na discussão e reflexão compreendem aqueles que retratam a potência da interação, evidenciam os gestos sutis como desencadeadores de ações e as transformações interpessoais.

Os registros de diário de campo se apresentam como recurso para embasar a discussão teórica e encontram-se destacados em *itálico* no decorrer da discussão. Os usuários serão identificados com nomes fictícios, para ilustrar a discussão que se pretende empreender.

O estágio ocorreu em um serviço que recebe pessoas em situação de vulnerabilidade e risco social, em situação de desabrigoamento ou em situação de rua. Esse serviço busca fazer o levantamento do histórico de vida dos usuários, localizar seus familiares e promover encaminhamentos para outros serviços da rede. Propõe-se a oferecer abrigo por curto período de tempo, ser um espaço de passagem, transição entre a vida em situação de rua, exclusão social e econômica, privada de seus direitos, para uma vida de participação, conhecimento sobre suas possibilidades sociais, econômicas e de instrumentos para que o sujeito atue na sociedade de forma autônoma e acesse os serviços que são seus por direito^{7,15}. O serviço no qual a experiência do estágio se deu é público e tem capacidade para acolher sessenta pessoas adultas. Durante todo o período do estágio, o serviço acolheu, em média, cerca de quarenta e cinco pessoas adultas por dia, tendo a grande maioria delas permanecido em abrigamento ao longo de todo o estágio.

O estudo se caracterizou como pesquisa teórica e documental, o material coletado foi analisado à luz dos

referenciais teóricos sobre autopoiese e encontro coletivo¹ e cadeias operatórias².

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP/Hospital São Paulo (parecer de nº 1758/10).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de contextualizar o universo estudado, buscou-se nos diários de campo exemplos do que se pretendeu discutir: as potências das interações na produção de redes sociais, na ampliação das possibilidades de transformação do sujeito e de suas cadeias operatórias.

Este estudo não tem a pretensão de esgotar a complexidade dos aspectos que envolvem a constituição e criação de identidade do humano, as teorias aqui expostas e a potência das ações em Terapia Ocupacional, mas sim refletir teoricamente sobre processos experienciados.

De acordo com a teoria da autopoiese, como exposto anteriormente, um organismo só se mantém vivo se consegue sustentar sua organização baseada em transformações, desencadeadas pelas interações com seu contexto¹. Caso não ocorra essa interação entre a vida e seu contexto, a dinâmica autopoietica passa por um processo de interrupção, levando à perda da identidade, configurando na morte ou no surgimento de outra estrutura com nova identidade.

Maturana e Varela¹ apresentam o encontro coletivo como espaço com capacidade potencial de produzir essas transformações, por meio da coordenação de ações e emoções. Nesse sentido, os espaços coletivos são compreendidos aqui como ambientes favoráveis às interações.

No serviço de proteção social especial, os espaços coletivos eram pouco frequentados pelos usuários, o que levou à dificuldade em estabelecer interações, e possibilitou o convite ao encontro intencional, propondo-se a formação de grupos, apostando nas potências do encontro em si, sem o planejamento prévio de propostas interventivas. Com a finalidade de favorecer a interação entre os participantes e como parte da dinâmica do estágio, foram organizados os encontros intencionais em formato de grupos abertos, com espaço e momento específicos para acontecerem. Sua frequência era semanal e tinha duração de uma hora, as cadeiras eram dispostas em círculo e no espaço de maior circulação do equipamento. Os usuários e funcionários do serviço eram convidados constantemente. Este grupo aberto foi mantido, nos mesmos dias, horários e local, durante todo o período do estágio (fevereiro a julho).

A produção de encontros coletivos no cotidiano do

serviço diferencia-se dos encontros fortuitos, ocorridos nos corredores e na sala de TV, uma vez que, diferente desses, há naqueles a intenção do próprio encontro. A partir desses encontros intencionais, mas não planejados, que ocorriam ao longo da semana, os participantes trabalhavam com o que emergisse como proposta, vinda deles mesmos. A prática da terapia ocupacional configurou-se no decorrer dos encontros, longe de planejamentos terapêuticos e recursos pré-determinados.

Não conseguimos convidar mais usuários para o grupo. Alguns estão em seus quartos, outros sequer conhecemos. Não sabemos se eles não querem se aproximar por algum receio. Preferimos não entrar nos quartos enquanto não criarmos vínculo.

O isolamento, segundo Castel³, fragiliza as redes sociais dos sujeitos. Ao afirmar que os processos de inscrição social estão vinculados aos eixos da sócio-relacional e ocupacional, o autor alerta para o fato de que a ruptura de uma das dimensões leva ao processo de vulnerabilidade ou desfiliação social. Assim, no limite do isolamento, o que restam são sujeitos individualizados. Este processo de fragilização ganha proporções maiores na medida em que, por estar socialmente fragilizado, o sujeito diminui suas possibilidades criativas de compor com o outro.

Com a dificuldade em encontrar a maioria dos usuários, as estratégias se ampliaram: “o momento agora é de investir em rápidas e cordiais interações, com aproximações graduais, guiadas pelos pequenos gestos e situações cotidianas”. Estes encontros eram caracterizados por gestos trocados nos corredores, interações iniciais como um Oi, Bom dia/tarde, Como vai?, que aos poucos se tornaram Você gostaria de conversar?, Vamos andar juntos pelo abrigo?, Posso me sentar com você? Com o tempo, respostas positivas eram dadas, sendo seguidas por longos encontros. Alguns usuários, entretanto, nunca permitiram aproximação. Todos os movimentos foram aceitos e respeitados na relação terapeuta-usuário.

Nesta tarde, tentamos nos aproximar de cada usuário individualmente. Alguns nos aceitaram por perto. Mas percebi que Dona Maria, evitava até mesmo nos olhar. Ela continuou a se afastar durante todo o dia. Alguns diziam que ela era agressiva, para não fazermos contato, mas bastou um assunto em comum para sairmos à área externa do serviço e conversarmos.

Com outros usuários, este processo foi ainda mais lento e tardio:

- Tentei contato novamente com a Sandra, ela virou o rosto, mas mesmo assim eu sorri e desejei um bom dia. Ela continuou a andar pelo corredor. (Momento 1);

- Nesta tarde, fui sentar no refeitório e escolhi justamente a cadeira ao lado de Sandra. Permaneci quieta, assistindo televisão. Pouco depois, puxei assunto do filme que estava passando. Em minutos já estávamos conversando. (Momento 2).

Embora as diferentes compreensões acerca das interações possam apontar para a importância da intencionalidade na produção de potências, o cotidiano do serviço e os constantes encontros fortuitos - nos corredores, no café, nos quartos, no quintal - se colocaram como novo cenário, que desafiava à revisão do sentido de encontro. Lembrando Leroi-Gourhan² e Marquetti e Kinoshita¹³, os gestos, as expressões, os olhares sutis, os cumprimentos cordiais, compõem as cadeias operatórias dos sujeitos e produzem novas possibilidades, quando compreendidas como potentes recursos qualificadores dos encontros.

Tomando os registros verificam-se as diferentes formas de relação estabelecidas. A lentidão com que os laços foram sendo estabelecidos é considerada legítima, uma vez que a aproximação e criação de vínculo demandam dos envolvidos a disponibilidade que atravessa o corpo, vai além; chega ao íntimo, chega ao toque (mesmo que não fisicamente), chega à identidade daquele sujeito, ao que é puro e lhe pertence, embora compartilhado nas coordenações de ação e emoção⁸. Esta permissão para receber o que é do outro e doar um pouco de si é visto neste trabalho como um desafio a ser enfrentado pelos profissionais da saúde, para que os atendimentos tornem-se cada vez mais humanizados. O objetivo geral das ações no campo de prática foi possibilitar encontros no cotidiano institucional, no qual os sujeitos envolvidos estão em situação de vulnerabilidade social, atravessados por críticas, censuras e privações.

As trocas de sorrisos, cumprimentos, gestos intencionais repetidos sistematicamente ao longo dos dias e semanas, produziram novas possibilidades de pactos, tanto entre aqueles que passaram aos poucos a participar dos encontros do grupo, quanto entre aqueles que preferiam não participar. Logo no início da formação grupal, o número de participantes era mínimo, por vezes com um ou dois usuários; entretanto, a abordagem individual adotada fez com que o vínculo e a confiança fossem, gradativamente, sendo estabelecidos, o que refletiu no aumento da presença e participação, chegando a 15 usuários. O gesto provoca e produz reação. Os encontros breves produzem delicadeza e interesse, constroem mutualidade, comportam não apenas reações, mas também ações.

Uma atividade considerada simbólica para a discussão, e que emergiu a partir da construção do grupo, foi a organização de um passeio a um museu da cidade. A partir

de um encontro grupal, com intenção expressa de coletivizar o uso do espaço e favorecer interações nesse processo, os participantes começaram uma conversa sobre ser ou não ser da cidade, o que levou ao debate mais profundo acerca dos sentidos de pertencimento. Tomaram a decisão de fazer um passeio ao Museu de Pesca, do outro lado da cidade, na orla - alguns por saudosismo, outros por genuína curiosidade. Não sabiam o que ou como fazer para viabilizar o plano e passaram a agendar reuniões para tal.

Entendendo este serviço de proteção especial como um espaço de trocas intersubjetivas, pode-se compreender quão importante é a realização de atividades que, em ato, recolocam no centro das relações o ser social e suas potências, assim como foi o passeio ao Museu de Pesca⁸. Assim, a cada história contada, a cada sorriso, a cada olhar e a cada gesto via-se que o estar junto, compartilhar e socializar, são carregados de sentido e transcendem o ato em si.

Todos estavam ali reunidos, sorridentes, alguns pulavam, se abraçavam, outros sentados conversavam sobre tudo que tinham acabado de ver. Pessoas que não tinham como hábito sentarem juntas e dialogarem, agora compartilhavam suas histórias, sensibilizadas pelo momento. Notavelmente felizes, percebi o quão significante tinha sido aquele encontro.

No decorrer dos encontros grupais, foi observada maior participação dos funcionários, seja porque a confiança interprofissional foi estabelecida, seja pelo interesse em participar da atividade em si, pela aproximação com os usuários ou pelo fato dos encontros terem extrapolado a relação terapeuta-usuário, se caracterizando pela relação entre co-participes de um projeto comum. Esta aproximação dos funcionários produziu mudanças na relação funcionário-usuário, e contribuiu para a ampliação do poder contratual de ambos (funcionários e usuários, os quais dividem diariamente o mesmo espaço) através do deslocamento de lugares instituídos e da horizontalização das relações.

O investimento nas situações do cotidiano do serviço propiciaram a proposição e sustentação sistemática e intencional de um convite ao encontro significativo, marcado por gestos, cumprimentos, olhares e palavras, construindo possibilidades (sutis e delicadas) de novas relações. Essas novas relações possibilitadas pelos encontros - tanto os breves quanto os de maior duração; tanto os ocorridos entre duas pessoas quanto os caracterizados pelo grupo - propiciaram a revisão do próprio estatuto relacional na instituição possibilitando a interação entre sujeitos. Esta interação provoca, como afirma Maturana⁴, uma justaposição de cadeias operatórias, levando necessariamente à formação de novas cadeias

operatórias consensuais entre os envolvidos, coordenando suas ações e emoções, mas também garantido espaço para as singularidades. Esse processo poderia ser compreendido com exercício de formação ou fortalecimento de redes sociais, que se dá a partir da fusão de cadeias operatórias consensuais⁴.

Intervir com um sujeito em Terapia Ocupacional é conhecer sua história e, principalmente, conhecer e compreender seu contexto. É encontrá-lo e favorecer que também se encontre - conosco, consigo, com os outros, com seu contexto. É possibilitar a troca na interação e a transformação deste outro sujeito e de si. O contexto cria barreiras e possibilidades únicas ao sujeito, produto de sua história e de seu meio; ao mesmo tempo em que faz parte dele, é transformado por ele e o transforma¹⁶. Através da interação, o sujeito se coloca no mundo, possibilita sua (re) construção e, até mesmo, sua pertença a grupos sociais.

A perspectiva do trabalho com base na valorização da interação e de suas potências se apoia na defesa radical da garantia do direito à vida e de sua relação direta com a sociabilidade. Daí a proposição de uma atuação terapêutica ocupacional fundada principalmente na experimentação de novas formas de contato, convivência, criação e estabelecimento de vínculos. Esta leitura do ato terapêutico à luz das discussões aqui apresentadas acerca das potências dos encontros, das possibilidades de produção, fortalecimento e transformação de cadeias operatórias e da composição com o outro como ferramenta social no enfrentamento das vulnerabilidades, mostra-se pertinente tendo em vista a importância de lidar com os sujeitos a partir de suas potências, dedicando tempo e qualidade à atenção, oferecendo possibilidades de ação, de espaço de escuta, acolhimento, negociação e produção de poder contratual.

De acordo com Deslandes¹⁷, esta abordagem pode ser chamada de “tecnologia relacional”, ou por Merhy e Franco¹⁸ de tecnologias leves, cujas ferramentas de trabalho são as tecnologias da interação. A sociedade brasileira complexa e desigual demanda um profissional preparado para intervir em situações que vão além dos conceitos desenhados pelo modelo biomédico⁸.

Os sujeitos e grupos considerados por Castel³ como socialmente vulneráveis são carregados de histórias e experiências de ausências e desorganizações de atividades que sustentam seu cotidiano. As reflexões sobre o cotidiano institucional em serviços voltados a tais populações levam a inferir inúmeras possibilidades, havendo tanto tendências de manutenção do isolamento quanto potências de produção de redes, sendo estas últimas experienciadas neste serviço.

A articulação entre os conteúdos do diário de campo e os autores de referência possibilitou sugerir que o

processo de recolocação do sujeito no centro das relações possa ser facilitado pela produção de interações, vistas como banais, partindo de cadeias operatórias individuais para coletivas. Estas cadeias são os gestos subjetivos que compõem a vida cotidiana de cada sujeito, formado a partir dos manejos singulares de cada um e de recursos, tempo e ritmos individuais, levados ao coletivo por intermédio de seus consensos e acoplamentos estruturais, constituindo suas redes sociais. Entende-se que o homem traz para o plano da coletividade suas singularidades, através de seu cotidiano, sendo este cotidiano a transformação do vivido diariamente. Por fim, pode-se assim dizer que o ser humano – seu cotidiano e, por isso, seus gestos e ações – é um modulador da própria realidade, sendo seu cocriador e potente transformador^{1,4,16}.

Ao concluir que o sujeito modifica sua própria realidade a partir de seu fazer, entende-se que com novos fazeres consiga (re) construir situações e condições de vida, possibilitar novos acoplamentos estruturais e, com isto, novas maneiras de viver e experimentar o meio^{1,4,13,16}.

Deste modo, a promoção de interações oportuniza mudanças que permitem novas formas de agir, ampliação e fortalecimento de redes e poder contratual. O papel do terapeuta ocupacional, baseado nos preceitos teóricos expostos, é ser o mediador entre sujeito e meio (pessoas, objetos, situações), favorecendo suas coordenações de ações e emoções, acoplamentos estruturais consensuais e, com isto, transformações.

CONCLUSÃO

Com base na discussão desenvolvida, conclui-se que a interação é fonte potente de novas formas de agir no mundo, contribui para o empoderamento do sujeito na ação de se intrarrelacionar, transformar-se e construir-se internamente, e na organização coletiva de vontades. A partir do encontro é possível observar inúmeras possibilidades de ação e intervenção.

Neste estudo, a garantia de não elaboração prévia de atividades se apresenta como uma das ferramentas produtoras de potência e de sentido, nos processos de aproximação e configuração de redes sociais possíveis, bem como na produção individual e coletiva de cadeias operatórias dinâmicas e criativas, podendo favorecer a transformação de desejos coletivos em projetos coletivos. Neste cenário, a Terapia Ocupacional contribui para a organização da ação cotidiana, nos processos de esculpir projetos de vida, possibilita a ampliação e o fortalecimento de redes de suporte. Com isto, participa na qualificação e potencialização da participação e protagonismo dos

usuários através da negociação da interação com o outro, no gerenciamento do poder de decisão e na transformação das experiências, promovendo e ampliando as potências

de vida. Em suma, visa reorganizar as condições de autoapoiese, acreditando no fazer fazendo e no produzir produzindo.

REFERÊNCIAS

1. Maturana H, Varela F. A árvore do conhecimento. São Paulo: Ed. Palas Athena; 2001.
2. Leroi-Gourhan A. O gesto e a palavra: técnica e linguagem, v. 1. Lisboa: Ed. 70; 1965. (Coleção Perspectivas do Homem).
3. Castel R. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a “desfiliação”. Cad CRH, Salvador. 1997;26/27:9-40. Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=193>.
4. Maturana H. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2001.
5. Silva MLL. Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005 [dissertação]. Brasília: Universidade de Brasília; 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10482/1763>.
6. Brasil. Governo Federal. Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua. Brasília, DF; 2008 [citado 16 jun. 2013]. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/noticias/arquivos/2297.pdf>.
7. Lopes RE, Borba PLO, Reis TAM. Um olhar sobre as trajetórias, percursos e histórias de mulheres em situação de rua. Cad Ter Ocup, UFSCar. 2003;11(1):38-53. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/204>.
8. Lopes RE, Palma AM, Reis TA. A experimentação teórico-prática do aluno de Terapia Ocupacional no campo social: uma vivência com a população em situação de rua. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2005;16(2):54-61. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v16i2p54-61>.
9. Marques LAF. A situação de vulnerabilidade social da família dos apenados da Penitenciária Lemos Brito. WebArtigos. 2007 [citado 29 set. 2010]. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/801/1/a-situacao-de-vulnerabilidade-social-da-familia-dos-apanados-da-penitenciaria-lemos-brito/pagina1.html>.
10. Pedrosa MLR. Situações de vulnerabilidade e ambiente ecológico: intersecções no cotidiano de famílias de crianças convivendo com doenças crônicas [dissertação]. Porto Alegre: Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/18670>.
11. Brasil. Ministério da Assistência Social. Conselho Nacional de Assistência Social. Relatório da IV Conferência Nacional de Assistência Social. 2003 [citado 14 jun. 2013]. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/saladeimprensa/eventos/assistencia-social/iv-conferencia-nacional-de-assistencia-social>.
12. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social - SNAS. Lei orgânica de assistência social (LOAS) – Anotada. 2009 [citado 14 jun. 2013]. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/secretaria-nacional-de-assistencia-social-snas/cadernos/lei-organica-de-assistencia-social-loas-annotada-2009/lei-organica-de-assistencia-social-2013-loas-annotada>.
13. Marquetti FC, Kinoshita RT. A ação como precursora do pensamento no humano. Cad Ter Ocup, UFSCar. 2011;19(2):215-28. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/463>.
14. Akashi LT, Almeida IS, Ruas TCB, Oliveira AS. Dialogando sobre o processo de ensino e aprendizagem de atividades e recursos terapêuticos. Cad Ter Ocup, UFSCar. 2002;10(2):129-35. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/214>.
15. Santos (SP). Prefeitura Municipal. Assistência Social – Proteção Social Especial - Seção de Abrigo para Adultos, Idosos e Famílias em Situação de Rua [citado 15 jun. 2013]. Disponível em: http://www.santos.sp.gov.br/acaocomunitaria/prog_03.php.
16. Sellar B. Performativity and occupation: everyday occupations as a force of subjection. In: 15th International Congress of the World Federation of Occupational Therapists, 2010, Chile. Anais. Chile: World Federation of Occupational Therapists; 2010. ref. 0053.
17. Deslandes SF. O projeto ético-político da humanização: conceitos, métodos e identidade. Interface, Botucatu. 2005;9(17):401-3. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832005000200017>.
18. Merhy EE, Franco TB. Por uma composição técnica do

trabalho centrada nas tecnologias leves e no campo relacional. Saúde Debate, Rio de Janeiro. 2003;27(65):316-23. Disponível em: http://www.professores.uff.br/tuliofranco/textos/composicao_tecnica_do_trabalho_emerson_merhy_tulio_franco.pdf.

19. Tedesco S, Liberman F. O que fazemos quando falamos em Vulnerabilidade? Rev Mundo Saúde, São Paulo. 2008;32(2):254-60. http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/59/254a260.pdf.

Recebido para publicação: 04/08/2013

Aceito para publicação: 25/07/2014